

COR OU RAÇA/ETNIA NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

COMO E PARA QUE PERGUNTAR

A cor ou raça/etnia

NO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE?

MANUAL

Organizadoras: Jussara Dias, Márcia R. Giovanetti,
Naila J. Seabra Santos

COMO E PARA QUE PERGUNTAR
A COR OU RAÇA/ETNIA NO
SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE?

Secretaria de Estado da Saúde
Coordenadoria de Controle de Doenças
Programa Estadual DST/Aids-SP
Centro de Referência e Treinamento DST/Aids-SP

São Paulo, 2009

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE

Luiz Roberto Barradas Barata - Secretário Estadual de Saúde

COORDENADORIA DE CONTROLE DE DOENÇAS

Clélia Maria S.S. Aranda – Coordenadora

COORDENAÇÃO DO PROGRAMA ESTADUAL DE DST/ AIDS CENTRO DE REFERÊNCIA E TREINAMENTO EM DST/AIDS

Maria Clara Gianna – Coordenadora

Artur O. Kalichman – Coordenador Adjunto

Elvira M. Ventura Filipe – Gerente da Divisão de Prevenção

Caio P. Westin – Diretor do Núcleo de Populações Vulneráveis

CRÉDITOS

Coordenação Editorial: Jussara Dias, Márcia R. Giovanetti,
Naila Janilde Seabra Santos

Redação: Jussara Dias – Instituto AMMA Psique e Negritude

Colaboração: Naila Janilde Seabra Santos – Divisão de Prevenção – PE-
DST/AIDS – SES-SP, Márcia R. Giovanetti – Divisão de Prevenção - PE-
DST/AIDS – SES-SP, Ana Teresa Rodriguez Viso – Divisão de Assistência
- PE- DST/AIDS – SES-SP

Projeto Gráfico e Diagramação: GB8 Design e Editoração Ltda.

Revisão: Janete Tir

Realização: Núcleo de Populações mais Vulneráveis da Gerência
de Prevenção

Distribuição e informações: tel:(11)5087.9902 - fax:(11)5084.0777
e-mail: vulneráveis@crt.saude.sp.gov.br, site:www.crt.saude.sp.gov.br

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brasil, Centro de Referência e Treinamento DST/aids

Como e para que Perguntar
a Cor ou Raça/Etnia no
Sistema Único de Saúde?

Série: Prevenção às DST/aids

ISBN 978-85-99792-09-4

1. Raça/Etnia 2. HIV/aids 3. Informação em saúde 4. Discriminação

SUMÁRIO

Introdução.....	08
A Informação Cor ou Raça/Etnia.....	10
O Método de Coleta.....	11
Os Motivos para a Coleta do Quesito Cor ou Raça/Etnia.....	12
As Dificuldades mais Frequentes na Coleta.....	14
Algumas Dicas.....	16
O Cartão de Cores.....	18
Sugestões de Leituras, Filmes e Vídeos.....	20

Agradecemos a todos(as) que apoiaram a iniciativa de elaboração desta cartilha visando auxiliar a coleta do quesito cor ou raça/etnia. Em especial às equipes de Recepção (Ambulatório, PS, Internação, Remoção) do Hospital Geral de São Mateus:

ANDRÉIA MESSIAS
DULCINÉIA LIMA
EDEZIA DE LIMA
ELENI GARCIA
LUDMILA ELIZEU
MARIA APARECIDA CORRION
MARIA APAPARECIDA SILVA
MARIA AUXILIADORA SARTORI
MARIA DE FÁTIMA BRITO
MARIA FERREIRA
MARIA LUCIA GRECCO
MARIA TEREZINHA DOS SANTOS
NEIDE LEMOS
ROSELI DA SILVA
ROSEMARI GONÇALVES
SUELI MARIA DE SOUZA
VERA LUCIA OLIVEIRA

E aos profissionais da Secretaria Municipal de Saúde de Santos

UBS Marapé
UBS Rádio Clube
UBS Região Central Histórica
PSF Região Central Histórica
UBS do Porto
UBS Conselheiro Nébias
UBS Martins Fontes
UBS Jabaquara
USF Ilha Diana
UBS Valongo
USF Areia Branca
SECRAIDS
SENIC
CTA - Santos

INTRODUÇÃO

O sistema de informações de usuários(as) dos serviços de saúde depende muito da equipe de recepcionistas e, também, de outros profissionais do SAME – Serviço de Arquivo Médico e Estatísticas – que trabalham com fichas, cadastros e formulários hospitalares e ambulatoriais.

Algumas pessoas desconhecem, e muitas não reconhecem, o valor da função de recepcionista. Poderíamos até dizer que é na **Recepção** que tudo começa! A satisfação do(a) usuário(a) quanto aos serviços pode ser medida, de certa forma, pela qualidade da relação estabelecida entre *usuário(a)* e *recepcionista*.

Recepcionar significa mais do que receber ou atender, significa também **acolher, orientar e encaminhar**.

Para que o serviço de recepção cumpra adequadamente o seu papel é necessário que todos os profissionais de saúde compreendam a importância deste setor, valorizando, respeitando e apoiando as funções da Recepção.

A equipe da recepção deve ser continuamente bem informada sobre as rotinas da instituição. É fundamental que todos(as) saibam para que servem os dados que coletam. Somente assim poderão obter informações corretas junto a usuários(as) e bem orientá-los(as).

As bases do sistema de informação da Saúde são compostas por muitos dados, entre eles estão os que são coletados na recepção. A partir dessas bases são construídos indicadores, ou seja, dados estatísticos que permitem o planejamento, o gerenciamento e a avaliação do trabalho da instituição. Esses dados permitem ainda identificar situações e práticas a serem modificadas para melhorar as condições de saúde da população.

Esperamos que as orientações contidas nesta cartilha possam ajudar a melhorar o registro da informação de “**cor ou raça/etnia**”, pois percebemos que ainda há dificuldades para a coleta em todos os setores, desde a direção até a recepção, envolvendo os diversos profissionais e, inclusive, os(as) usuários(as).



A INFORMAÇÃO COR OU RAÇA/ETNIA

Existem bases de dados geradas por intermédio de sistemas de informações e de levantamentos.

Vejamos alguns exemplos de sistemas de informações na área da Saúde:

SIM — Sistema de Informações de Mortalidade

- Declarações de Óbitos

SINASC — Sistema de Nascidos Vivos

- Declarações de Nascidos Vivos

SIH — Sistema de Informações Hospitalares

- Autorização de Internação Hospitalar (AIH)

SIA — Sistema de Informações Ambulatoriais

SINAN — Sistema Nacional de Agravos Notificáveis

SI-CTA — Sistema de Informação dos Centros de Testagem e Aconselhamento

Formulário de Cadastro do Cartão SUS

Os levantamentos, tais como os censos e as pesquisas domiciliares realizados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), fornecem as informações necessárias para estudar as características da população brasileira e conhecer as suas condições de vida: moradia, saúde, educação, trabalho etc.

A “cor ou raça/etnia” faz parte das características das pessoas assim como sexo e idade. Desde os anos 90, praticamente

todos os levantamentos oficiais coletam este dado, de acordo com o sistema classificatório do IBGE, no entanto, ainda há controvérsias e equívocos nessa coleta.

Uma importante providência a ser tomada para melhorar a qualidade da informação “cor ou raça/etnia” é a padronização da classificação e do método de identificação, ou seja, todos os formulários devem conter as mesmas categorias de “cor ou raça/etnia” e a mesma maneira de abordar o(a) usuário(a).

Atualmente, o método oficial, o qual recomendamos, é o mesmo empregado pelo IBGE.

Qual é o Método de Identificação utilizado pelo IBGE?

É o método da AUTOCLASSIFICAÇÃO ou AUTODECLARAÇÃO, isto é, o(a) usuário(a) é quem indica a sua “cor ou raça/etnia” entre as cinco categorias possíveis.

Haverá situações em que será necessário utilizar a hetero-classificação, isto é, outra pessoa, preferencialmente um membro da família, define a cor ou raça/etnia do(a) usuário(a), mas esta conduta deverá ser utilizada somente em situações específicas, tais como: declaração de nascidos vivos, declaração de óbito, registro de pacientes em coma ou quadros semelhantes.

Quais são as Categorias utilizadas pelo IBGE?

Desde o censo de 2000, o IBGE utiliza nas pesquisas sobre cor ou raça/etnia da população brasileira cinco categorias:

1. Cor **BRANCA**
2. Cor **PRETA**
3. Cor **PARDA**
4. Cor **AMARELA**
5. Raça/Etnia **INDÍGENA**

Mas as pessoas são mesmo dessas cores?

Se pensarmos bem, não!

Assim como a população branca não tem exatamente a cor branca e nem a população oriental a cor amarela, também a população negra não tem exatamente a cor preta nem a parda. São categorias criadas apenas para classificar os grupos populacionais de diferentes origens étnico-raciais, ou seja, os brasileiros e brasileiras descendentes de europeus, de orientais, de africanos, de indígenas ou da miscigenação (mistura) de dois destes grupos.

É importante ressaltar que nenhuma dessas cores é utilizada, nas informações em saúde, com sentido pejorativo ou com intenção de discriminar qualquer um dos grupos étnico-raciais.

Por que devemos utilizar as categorias empregadas pelo IBGE?

Porque possibilita o cruzamento dos dados obtidos em todo o país. Assim, podemos fazer comparações abrangentes e ter estatísticas em nível nacional.

Além disso, antes de definir estas categorias, o IBGE pesquisou as cores mais declaradas pela população e concluiu que deveria usar estas, pois a maioria delas já era utilizada, desde a segunda metade do século XIX.

Século dezenove (1801 – 1900)?

É isso mesmo!

Um estudo realizado pelo IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – relata que a classificação de “cor ou raça/etnia” não é invenção de agora, e o 1º Censo oficial brasileiro, realizado em 1872, utilizou as seguintes categorias: *preto, pardo, branco e caboclo*. A categoria caboclo, naquela época, foi usada para classificar o grupo dos indígenas. *Pardo* designava

os mestiços; e, mais tarde, com a imigração asiática, criou-se a categoria *amarela* para designar os orientais/asiáticos.

Por que a Autoclassificação?

O velho ditado popular “*as aparências enganam*” pode ser uma verdade nesta situação. Afinal, ninguém melhor do que a própria pessoa para saber qual é a sua origem étnico-racial e assim poder definir qual é a sua “cor ou raça/etnia”. De outra forma, correremos o risco de errar, pois não podemos afirmar, com certeza, qual é a origem de alguém apenas pela aparência.

Os(as) usuários(as) devem ser orientados(as), porém respeitados diante de sua declaração.

Para que perguntar a “cor ou raça/etnia” dos(as) usuários(as)?

Para melhorar a qualidade dos serviços de saúde, para elaborar políticas públicas e identificar as doenças e agravos predominantes nos diferentes grupos que compõem a nossa sociedade.

Exemplos:

- HIPERTENSÃO, ANEMIA FALCIFORME, DIABETES MELLITUS: são mais frequentes na população negra (cores preta e parda);
- DOENÇAS DE PELE, TALASSEMIA: atingem mais a população branca (cor branca);
- DOENÇAS INFECCIOSAS PRÓPRIAS DA INFÂNCIA, como catapora e sarampo: têm aumentado muito nas populações indígenas (etnias diversas).

Além disso, a informação “cor ou raça/etnia” possibilita ao Sistema Único de Saúde (SUS) cumprir um de seus princípios

fundamentais que é a **EQUIDADE**, ou seja, o compromisso de oferecer a todos cidadãos e cidadãs um tratamento igualitário e, ao mesmo tempo, atender às necessidades que cada situação apresenta. É um dado que pode orientar o tratamento das populações específicas.

Quais são as possíveis reações desfavoráveis dos usuários quando perguntamos a sua “cor ou raça/etnia”?

Irritação, agressividade, curiosidade, desconfiança, dúvida, constrangimento.

Por isso, é fundamental estar preparado(a) para explicar *por que* e *para que* precisamos desta informação.

Quais são as dificuldades para coletar a cor ou raça/etnia?

Desde que os serviços de DST/Aids têm implantado o **questão cor ou raça/etnia**, no Estado de São Paulo, temos acompanhado o trabalho dos diferentes serviços procurando superar os obstáculos mais frequentes.

Percebemos que algumas das dificuldades estão relacionadas a uma questão histórica, que se refere ao período em que houve no país a escravização dos povos africanos negros. Este período marcou profundamente a nossa sociedade, gerando consequências negativas até hoje, tais como o preconceito e a discriminação. Portanto, são dificuldades relacionadas a questões pessoais, sociais e culturais.

Apesar de sabermos que no mundo não existe nenhum ser humano inferior ou superior em relação a outro, pois todos possuem direitos iguais, quando falamos de **cor ou raça/etnia**, ainda há pessoas que se sentem constrangidas ou ofendidas. Muitos profissionais relatam que sentem medo de ofender ou vergonha de causar embaraço aos usuários(as) de cor preta, pois no passado, muitas vezes, este termo foi utilizado de

maneira pejorativa. Por isso, há usuários(as) de cor preta que têm receio de ser discriminados ou prejudicados.

É muito frequente também usuários(as) que reagem agressivamente, argumentando que não são pretos(as) e sim negros(as). Nestes casos é importante concordar com ele ou com ela, explicar que sabemos que não são pretos(as), mas sim cidadãos e cidadãs pertencentes à população negra, a um grupo étnico-racial de origem africana ou afro-brasileira. Mas que, de acordo com a metodologia do IBGE, as opções de cor para os indivíduos pertencentes à população negra são preta ou parda.

Outras dificuldades:

- Em geral, os usuários brancos e negros costumam ser irônicos ou agressivos. Ao serem indagados, respondem: “*você não está vendo qual é a minha cor?*”. Neste caso, é preciso explicar que somente a própria pessoa pode saber exatamente qual é a sua cor, levando em conta a sua origem e os seus ascendentes (pais, avós).

- As pessoas de cor parda, muitas vezes, ficam em dúvida, não sabem se autotitular e devolvem a pergunta ao profissional: “*o que você acha?*”. Outras vezes, respondem o que está no registro de nascimento. Nestas situações, a dúvida sobre qual das categorias escolher, devido ao não reconhecimento da própria origem, poderá ser solucionada com diálogo, onde o profissional explicará ao usuário as diferentes possibilidades de miscigenação (CONSULTAR CARTÃO DE CORES).

Final, perguntar a “cor ou raça/etnia” é Racismo?

Não!

Não é racismo, nem preconceito e nem discriminação.

E para podermos afirmar que não é nada disso, precisamos conhecer a definição de cada um desses conceitos.

Racismo é um conjunto de idéias, crenças, opiniões e valores que prega a superioridade de um grupo étnico-racial sobre outro. O racismo se manifesta por meio do preconceito e da discriminação raciais.

Preconceito racial ou de cor é uma opinião negativa sobre alguém ou um grupo, gerando uma indisposição em relação a esse alguém ou grupo, sem mesmo conhecê-lo, baseando-se somente em suas características físicas ou culturais (cor da pele, textura do cabelo, formato do nariz, religião, idioma, alimentação etc.).

Discriminação racial é toda e qualquer atitude que desrespeite e viole os direitos de alguém ou de um grupo por causa de sua cor ou raça/etnia.

Perguntar a cor ou raça/etnia dos(as) usuários(as) de saúde é uma forma de conhecer melhor o perfil dos(as) pacientes para melhor atendê-los(as) e para prevenir doenças.

Algumas DICAS para enfrentar as dificuldades:

1. Distribuir folhetos explicativos aos usuários(as), enquanto permanecem na sala ou fila de espera;
2. Naturalizar a pergunta "qual é a sua cor ou raça/etnia?", ou seja, integrá-la ao conjunto de informações (nome, idade, sexo etc....) de forma natural;

3. Dialogar com cada usuário(a) e orientar como se autoclassificar, quando não souber;
4. Assegurar ao usuário(a) que esta informação não tem por objetivo discriminar, mas sim prevenir doenças;
5. Solicitar apoio e orientações à chefia e à supervisão sempre que for necessário.

E quando a gente não tiver tempo para dialogar com os(as) usuários(as) e com a chefia?

Nós sabemos que cada serviço tem uma forma de funcionamento. No atendimento, há dias mais tranquilos e dias mais estressantes. Mas, seja qual for a realidade de cada setor, a busca por condições de trabalho humanizado e de boa qualidade deve ser constante.

A ação do setor da recepção, que envolve *acolhimento, orientação e encaminhamento*, requer diálogo permanente entre trabalhadores, gestores e usuários(as).

Por isso, quando não houver tempo para o diálogo, será preciso rever a nossa conduta e restabelecer a possibilidade do diálogo, pois cada trabalhador é também um **agente de transformação social**, podendo tornar melhor e mais digno o atendimento dos serviços de saúde.

CARTÃO DE CORES

QUAL É A SUA “COR OU RAÇA/ETNIA”?

A RESPOSTA DEVE SER DADA PELO(A) PRÓPRIO(A) USUÁRIO(A) DO SERVIÇO DE SAÚDE, DE ACORDO COM AS OPÇÕES ABAIXO, QUE SÃO AS MESMAS UTILIZADAS PELO IBGE.

COR BRANCA (DESCENDENTES DE EUROPEUS/OCIDENTAIS)

COR PRETA (DESCENDENTES DE AFRICANOS/AFRO-BRASILEIROS)

COR PARDA (DESCENDENTES DE INDIVÍDUOS DE COR/ETNIAS DIFERENTES-MISCIGENAÇÃO/MESTIÇAGEM)
Mestiços de pais de cores ou etnias diferentes: preta e branca; preta e índio; branca e índio, e assim por diante...

COR AMARELA (DESCENDENTES DE ASIÁTICOS/ORIENTAIS)

RAÇA/ETNIA INDÍGENA (DESCENDENTES DE ÍNDIOS)

Repassando as Informações

PARA QUE COLETAR A INFORMAÇÃO COR ou RAÇA/ETNIA?

Para melhorar a qualidade dos serviços de saúde, para elaborar políticas públicas e para evitar determinadas doenças e agravos.

COMO COLETAR?

É simples!

A ficha deve conter as categorias do IBGE e ser preenchida de acordo com a resposta do(a) usuário(a).

E quando ele/ela não souber se **autoclassificar**?

O profissional deverá explicar cada opção, podendo utilizar-se do **cartão de cores**.



SUGESTÕES DE LEITURAS, VÍDEOS, FILMES e SITES

LEITURAS

Seminário Nacional de Saúde da População Negra. Realização: Ministério da Saúde e Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Brasília, agosto de 2004.** Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_textos_basicos_snsnpn.pdf

Política Nacional de Saúde Integral da População Negra
Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politicapopnegra.pdf>

Seminário saúde da população negra no Estado de São Paulo, 2004
Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/ms/>

Saúde da População negra: contribuições para a equidade - Funasa
Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/pop_negra/pdf/saudepopneg.pdf

Saúde da População Negra no Estado de São Paulo: subsídios para ações no âmbito do SUS
Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo, 2007. CD-Rom.

Quesito cor (folheto informativo)

Disponível em: http://www.combateoracismoinstitucional.com/images/padf/quesito_cor.pdf

Promovendo a equidade na atenção à saúde (folheto informativo)

Disponível em: http://www.combateoracismoinstitucional.com/images/padf/equidade_saude.pdf

A história dos censos no Brasil

Disponível em: <http://www1.ibge.gov.br/ibgeteen/censo2k/index.html>

SILVA JR, Hédio. (Org). O Papel da Cor/Raça/Etnia nas Políticas de Promoção da Igualdade. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade. 2003. São Paulo. Informações em: <http://www.ceert.org.br/modulos/publicacoes/publicacoes.php>

OLIVEIRA, Fátima. Saúde da população negra: Brasil ano 2001, Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2003. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/0081_saude_popnegra.pdf

Segurança e justiça nas cores. Jurema Werneck. www.social.org.br/relatorio2003/relatorio030.htm

O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial

Disponível em: <http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/artigos/Racismo%20-%20texto%20do%20Peck.pdf>

Raquel Barbosa. A questão do quesito raça/cor nos prontuários do Programa Sentinela. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007.

Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0617-D.pdf>

Por que trabalhar com o quesito cor? Fernanda Lopes.

Disponível em: <http://www.aids.gov.br/data/documents/storedDocuments/%7BB8EF5DAF-23AE-4891-AD36-1903553A3174%7D/%7BAD986753-A81A-4A4E-AEFF-8BBEEF5782E8%7D/cor.doc>

BATISTA, L. E.; KALCHMANN, S. (Org.). *Em busca da equidade no SUS: seminário Saúde da População Negra no Estado de São Paulo*, 2004. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005.

Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/ms/>

BENTO, M. A. S. *A implementação do quesito cor na área da saúde: o caso da Prefeitura de São Paulo*. São Paulo: Secretaria Municipal de Saúde, 1999.

Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/ms/>

LOPES, F.; BATISTA, L. E. Cor/raça e mortalidade. *Boletim Epidemiológico do Programa Estadual DST/Aids de São Paulo*, São Paulo, ano XXII, n. 1, p. 4-8, out. 2003

LOPES, F.; MALACHIAS, E. Cor/raça e AIDS. *Boletim de Vigilância Epidemiológica do Programa Estadual DST/Aids de São Paulo*, São Paulo, ano XIX, n. 2, p. 3-5, out. 2001.

MACHADO K.; CARVALHO M., "Invisibilidade, a maior das dores". *Radis, comunicação em saúde*, Rio de Janeiro, nº 20, pg 8-11, abril 2004.

Disponível em: http://www.ensp.fiocruz.br/radis/pdf/radis_20.pdf

OSORIO, R. G. O sistema classificatório de cor ou raça do IBGE. Brasília, DF: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2003. (Texto para discussão, 996). Disponível em: http://desafios2.ipea.gov.br/pub/td/2003/td_0996.pdf

ADORNO, Rubens de C.F. et al. Quesito cor no sistema de informação em saúde. *Estud. av.* [online]. 2004, v. 18, n. 50, pp. 119

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142004000100011&script=sci_arttext

Nascimento, Enilda Rosendo do et al. A percepção das profissionais de saúde a respeito da identificação racial nos formulários da assistência pré-natal* *Rev Paraninfo Digital*, 2007; 1.

Disponível em: <http://www.index-f.com/para/n1/p114.php>

Hofbauer, Andréas. O conceito de "raça" e o ideário do "branqueamento" no século XIX – bases ideológicas do racismo brasileiro. *Teoria e Pesquisa* 42 e 43 Janeiro - Julho de 2003

<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/viewFile/57/47>

SILVA, Wagner Machado da. Mortalidade Materna de Adolescentes Negras: A Invisibilidade da Cor. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2006
Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PSPB0138-D.pdf>

Maio, Marcos Chor et al. Cor/raça no Estudo Pró-Saúde: resultados comparativos de dois métodos de autotaxonomia no Rio de Janeiro, Brasil
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n1/19.pdf>

GIOVANNETTI, Márcia Regina et al. A implantação do quesito cor/raça nos serviços de DST/Aids no Estado de São Paulo. *Saude soc.* [online]. 2007, v. 16, n. 2, pp. 163-170.
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902007000200016&script=sci_arttext&tlng=

THEODORO, Mário. (Org.) et al. *As Políticas Públicas e a Desigualdade Racial no Brasil – 120 Anos após a abolição.* Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2008.
Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/Livro_desigualdadesraciais.pdf

VÍDEOS

Promovendo a Equidade na Atenção à Saúde. Realização: Programa de Combate ao Racismo Institucional - PCRI
http://64.246.56.111/video.pnud.org.br/videos/racismo/promoven_256.wmv

Quesito Cor. Realização: Programa de Combate ao Racismo Institucional - PCRI
http://64.246.56.111/video.pnud.org.br/videos/racismo/promoven_256.wmv

Saúde de Desenvolvimento com Equidade. Realização Programa de Combate ao Racismo Institucional - PCRI - e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD
www.combateaoracismoinstitucional.com

Discriminação, Minorias e Racismo. Realização: Associação Nacional de Direitos Humanos – Pesquisa e Pós-Graduação – ANDHEP
<http://www.andhep.org.br/content/blogcategory/29/80/>

Programa de Combate ao Racismo Institucional. Realização: Ministério do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional – DFID
www.combateaoracismoinstitucional.com

Zumbi Somos Nós. Documentário, 52 minutos. 2006. Realizado pelo coletivo Frente 3 de Fevereiro.
<http://www.frente3defevereiro.com.br/>

Retrato em preto e branco. Roteiro e direção: Joel Zito Araújo. São Paulo, Ceert, **Vista minha pele.** Direção: Joel Zito Araújo. São Paulo, Ceert, 2004
www.ceert.org.br

Narciso Rap. Direção: Jeferson De. São Paulo, Prefeitura de São Paulo / Secretaria Municipal de Educação / Projeto Vida, 2004.

FILMES

Abolição (BRA, 1987, 150 min.). Documentário.

Direção: Zózimo Bulbul

A Negação do Brasil (BRA, 2000, 90 min.). Documentário.

Direção: Joel Zito Araújo

Kiriku e a Feiticeira. Direção: Michel N´Dour. França/Bélgica, Cult Filmes, 1998.

Filhas do vento. Direção: Joel Zito Araújo. Rio de Janeiro, Asa, 2005.

Quilombo. Direção Cacá Diegues. Brasil, 1984.

SITES

Governamentais:

www.aids.gov.br

www.crt.saude.sp.gov.br

www.ibge.gov.br

www.ipeadata.gov.br

www.isaude.sp.gov.br

www.planalto.gov.br/seppir

www.pnud.org.br

www.rndh.gov.br

www.seade.gov.br

Não-Governamentais:

www.afrobas.org.br

www.afropress.com

www.ammapsique.org.br

www.ceert.org.br

www.criola.org.br

www.combateoracismoinstitucional.com

www.dialogoscontraoracismo.org.br

www.geledes.org.br

www.gvtr.kit.net

www.irohin.org.br

www.eliagonzalez.org.br

www.mulheresnegras.org

www.redesaude.org.br

www.rets.org.br

www.unfpa.org.br

